



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

**A VIRGEM DOS LÁBIOS DE MEL E A BELEZA DO GUARANÁ:  
UMA PROPOSTA DIDÁTICA A PARTIR DA LEITURA INTERTEXTUAL  
ENTRE *IRACEMA*, DE JOSÉ DE ALENCAR E *ÇE'REÇÁ-PURÃGA*, A  
*BELEZA DO GUARANÁ*, DE YAGUARÊ YAMÃ**

Jailma da Costa Ferreira<sup>1</sup>; Bruno Santos Melo<sup>2</sup>; Maria Ismênia Lima<sup>3</sup>

*Universidade Estadual da Paraíba*

*jailma.jdf@gmail.com<sup>1</sup>; bsantosmelo@hotmail.com<sup>2</sup>; ismenialima302@hotmail.com<sup>3</sup>*

**Resumo:** Este trabalho surge a partir de uma proposta didática para o segundo ano do ensino médio, realizada na disciplina Literatura Brasileira da Modernidade I, no curso de licenciatura Letras, habilitação Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba. Tendo em vista os contrapontos que podem ser levantados a partir da Literatura indianista do século XIX e a Literatura indígena da contemporaneidade, esta proposta justifica-se pelo fato de propor uma reflexão sobre a representação do índio nesses dois momentos da Literatura. Na Literatura do século XIX, o índio é o 'outro' do qual se fala, ao passo que na contemporânea, ele é o sujeito enunciativo, o qual institui seu próprio discurso. É, pois, objetivo deste artigo apresentar a possibilidade de trabalhar a literatura indianista em sala de aula de forma lúdica e comprometida com as diferenças étnico-raciais. Atentando para essas marcas, selecionou-se o romance **Iracema** (2002), de José de Alencar e o conto *Çe'reçá-Purãga, a beleza do guaraná*, do livro **Morágetá Witá: oito contos mágicos** (2014), de Yaguarê Yamã. As discussões elencadas neste trabalho são subsidiadas pelo aparato teórico de Abreu (2006), Cosson (2006), Rios (2008) e Todorov (2009).

**Palavras-Chave:** Ensino de Literatura. Proposta didática. Literatura indianista e contemporânea.

## **Introdução**

“Alargar o conhecimento da própria cultura e o interesse pela cultura alheia pode ser um bom motivo para ler e para estudar literatura” (ABREU, 2006, p. 112).

Estudar Literatura é ter a oportunidade de conhecer outros mundos, sobretudo, ao se estudar textos que retratem uma realidade diferente daquela que já conhecemos. No entanto, esse sentido que atribuímos ao ensino de Literatura nem sempre está presente na escola. As aulas de Literatura continuam a ser aula de história e crítica literárias. É preciso,

pois, renovar a prática didática em sala de aula.

O texto literário deve ser o ator principal nas aulas de Literatura. Pois, é a partir dele que conheceremos os múltiplos cenários das sociedades. Por isso, não podemos permitir que as obras literárias sejam apenas coadjuvantes no ensino de Literatura, nem tampouco que sirva de plano de fundo ou de exemplo nas aulas de Língua Portuguesa. Pois, como afirma Rios (2008), o texto literário é plurissignificativo e



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

[...] oferece ao leitor inúmeras possibilidades leitoras, sendo, pois, sinônimo de liberdade criativa, lugar de imaginação ampla, contestação, sonho criticidade, transformação, conflito, mistério... sensações leitoras que, dificilmente, um texto não-literário pode alcançar diversificadamente, enquanto, num único texto literário é possível encontrá-los, todos, e outros mais. Além de ser Arte, a literatura, quando bem trabalhada, proporciona fruição, ingrediente imprescindível para formação de leitores (RIOS, 2008, p.98).

O professor precisa trazer o texto ao centro da cena, considerando-o seus múltiplos significados, proporcionando aos alunos refletirem e discutirem sobre o texto literário, só assim o professor estará contribuindo para a formação de alunos leitores. A aula de Literatura deve ser um espaço no qual os alunos possam se expressar e participar eficazmente na construção de sentidos do texto.

Consideramos que também é importante para o ensino de Literatura o trabalho intertextual, em que o texto dialogue com outros textos, assim como propomos neste artigo. Ao se trabalhar uma obra do cânone literário junto a uma outra que é desconhecida na academia e, conseqüentemente, na escola, temos como propósito valorizar os textos que estão fora do cânone, mas que mesmo assim têm muito valor para entendermos a sociedade na qual vivemos, como também para evidenciar que o texto canônico não se

restringe a apenas o momento histórico no qual nascera, mas que pode ser sempre atualizado na contemporaneidade.

Tendo isso em vista, propomos uma abordagem intertextual entre o romance indianista, **Iracema**, de José de Alencar e o conto *Çe'reçá-Purãga, a beleza d guaraná*, de Yaguare Yamã, do livro **Morãgetá Witã: oito contos mágicos**. Os textos apresentam uma linguagem bastante diferente, enquanto em **Iracema**, Alencar busca representar o índio brasileiro do século XIX, mostrando-o ora como guerreiro ora como submisso ao branco; em **Morãgetá Witã**, Yamã, professor de Geografia, escritor e indígena, retrata o índio, evidenciando sua importância e sua participação para a construção da cultura brasileira. No texto de Alencar, o índio é 'outro', de quem se fala, é o 'dito'. Nos textos de Yamã, ele é o enunciador, é o sujeito do seu 'dizer'

Há, portanto, uma longa ponte que separa a obra de Alencar e a de Yamã, mas nada que impeça de uma chegar até a outra. Quando abordadas pelo caráter intertextual em sala de aula, as obras desses autores se atualizam, tornando-se ainda mais significativas para compreender e respeitar a sociedade multifacetada, multicultural, na qual vivemos. Reconhecendo a importância de conhecermos nossa cultura e também a cultura de outros povos, propomos uma abordagem didática em



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

sala de aula que configura a Literatura seu caráter social, mas que também não a deixa de compreendê-la como expressão artística. Pois, Literatura é Arte e, sendo Arte, mostra-se comprometida com o contexto histórico-cultural da sociedade a qual pertence.

### **Metodologia**

Neste estudo, quanto à abordagem, escolheu-se a pesquisa qualitativa, sendo compreendida pelos autores deste trabalho como sendo a melhor indicada e de acordo com o objeto de estudo. Na pesquisa qualitativa, o pesquisador é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações.

Quanto ao procedimento, optou-se pela pesquisa bibliográfica, pois como é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos. Pois, qualquer trabalho científico deve ser guiado por uma pesquisa bibliográfica, o que permite ao pesquisador conhecer os estudos que já foram elencados sobre o assunto.

### **Resultado e Discussão**

#### **1. Literatura e Sociedade**

Por trás de toda obra literária há um contexto social que nos diz muito sobre a nossa sociedade, seja a sociedade presente ou passada, é importante entendermos e estudarmos esse contexto, porque ele contribuirá para a nossa formação como sociedade. O contexto passado além de nos remeter a costumes e culturas diferentes das nossas, também nos permite refletir sobre a realidade presente. Pensar no tempo e no contexto atual, portanto, é ver os reflexos das lutas e conquistas passadas se confirmando no hoje. Não podemos desconsiderar também que o presente aponta sempre para um futuro.

Dessa forma, seja a literatura dos clássicos, seja a literatura contemporânea, ela sempre nos situa dentro de um contexto sociocultural, que deve ser considerado para o estudo das obras literárias, porém, o professor não pode limitar-se a esse aspecto. Portanto, cabe ao docente “criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos” (COSSON, 2006, p.29).

O encontro do aluno com o texto literário deve acontecer de forma atraente e lúdica, mas também compromissada com a sociedade. É preciso que o professor dê



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

significado à leitura das obras literárias, pensando em questões e problemas sociais. Não basta uma análise de características estéticas, é importante que o professor vá além nas discussões.

A leitura das obras literárias não pode se limitar apenas a um processo de decodificação, nem ao uso do texto como pretexto, nem somente a fruição, é necessário, pois, que se instaure um espaço de debates, que possa refletir na vida do aluno para além do contexto escolar, permitindo “que a leitura literária seja exercida sem o abandono do prazer, mas com o compromisso de conhecimento que todo saber exige” (Cosson, 2006, p. 23).

Todorov (2009) afirma que a leitura do texto literário na escola não tem proporcionado uma reflexão acerca do indivíduo e a sociedade, mas acerca do que falam os críticos sobre essas obras. O texto literário deve, portanto, sair dessa redoma de vidro, deve ser dessacralizado.

Conforme Cosson (2006, p. 20), “[...] a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo.” Não basta que os alunos leiam literatura, é necessário também que analisem: concordando, discordando, contestando, questionando, etc. sobre o texto lido e as abordagens estéticas, sociais, culturais que esse texto apresenta.

No dizer de Todorov (2009, p. 39): “Sem qualquer surpresa, os alunos do ensino médio aprendem o dogma segundo o qual a literatura não tem relação com o restante do mundo, estudando apenas as relações dos elementos da obra entre si”. Esse mito precisa ser rompido, pois o texto literário contempla outras instâncias, as quais estão para além do texto escrito. Portanto, a relação estabelecida com a leitura literária em sala de aula, deve ir além das questões metalinguísticas, avançando, nesse sentido, para as relações que ela estabelece com o meio no qual está inserida.

Segundo Todorov (2009) a análise realizada, na escola, das obras deve atender a um sentido mais amplo, que conduz, segundo o autor, a um conhecimento do ser humano. Para Todorov (2009, p. 24), “longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano.”

Isso implica, portanto, no conceito da literatura como forma de humanização do sujeito:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

técnica de cuidado para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (TODOROV, 2009, p. 76)

É importante, pois, trazer à luz dessa discussão, o que Abreu (2006, p. 83) defende acerca da literatura como humanizadora: “Uma definição de Literatura como fonte de humanização não se sustenta diante do fato de que há gente muito boa que nunca leu um livro e gente péssima que vive de livro na mão”. Contudo, torna-se relevante enfatizar que a literatura pode transformar o ser humano a partir do seu interior, pois através da linguagem poética é capaz de tocar a alma humana, mas não se restringe, de maneira alguma, a esse aspecto.

Ao nosso ver, Cosson (2006) define esse aspecto de forma precisa:

“[...] a literatura é plena de saberes sobre o homem e o mundo. [...] No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos” (COSSON, p. 16-17).

Nesse contexto, a função da literatura não está atrelada a ser apenas uma fonte de humanização, mas pode representar o ser humano enquanto sujeito que atua na sociedade na qual vive. Assim, a literatura pode ser (não necessariamente), uma

representação da realidade social das pessoas, seja ela boa ou má, humana ou desumana. De acordo com Todorov (2009, p.78) “a realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente, [...] a experiência humana.” É a partir dessa experiência que o texto literário se constitui, portanto, é a partir dela que ele deve ser estudado e compreendido.

## 2. Letramento e Escolarização da Literatura

A leitura do texto literário é primordial nas aulas de Literatura, no entanto, muitas vezes essa prática tem se tornado escassa, inúmeros motivos têm contribuído para essa escassez, entre eles estão o curto espaço de tempo das aulas, o desinteresse dos alunos, a falta de incentivo por parte do professor, a falta de livros, a falta de formação para o docente, entre outros.

É necessário, portanto, que o docente, desperte em seus alunos o desejo pela leitura das obras literárias. O professor tem um importante papel nesse processo de encanto e estímulo, sobretudo o professor de Literatura e a escola é o espaço primordial para que esse desenvolvimento aconteça.

No entanto, Cosson (2006) afirma que estamos diante da falência do ensino de Literatura. Nesse sentido, é preciso que a



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

escola esteja comprometida em promover o letramento literário.

Cosson (2006, p. 23) explica:

O letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura [...], mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização.

O letramento literário caracteriza-se como uma forma de escolarização da literatura, ou seja, de levar a literatura à escola, de incentivar o aluno à leitura das obras literárias. Entretanto, muitas vezes esse momento não passa de aula sobre a história da literatura; a leitura e o estudo acerca das obras literárias ficam em segundo plano (Todorov, 2009).

Só podemos promover o letramento literário a partir da leitura dos textos literários. No entanto, apenas a leitura desses textos não é suficiente quando se pretende promover esse letramento. Para Cosson (2006, p.26), “não é possível aceitar que a simples atividade da leitura seja considerada a atividade escolar de leitura literária.” É preciso, pois, levar em conta o contexto social no qual o aluno está inserido e a partir dele sugerir uma prática de letramento que seja significativa para o discente.

Cosson (2006) apresenta quatro pressuposições, atreladas ao senso comum, acerca da leitura e da literatura: a) os livros falam por si mesmos ao leitor; b) a leitura é um ato solitário; c) é impossível expressar o que se sente ao ler um texto literário e d) a análise literária pode destruir a magia e a beleza da obra, ao revelar seus mecanismos de construção.

É preciso, portanto, combater essas ideias, para que assim o ensino de literatura possa se tornar significativo para o aluno. Segundo Cosson (2006), o letramento literário tem como princípio construir uma comunidade de leitores. Para tanto, não basta supervalorizar o cânone e abandonar as obras contemporâneas, mas é preciso que se dê espaço para ambos. Abreu (2006, p. 111) propõe que não se abandone o estudo do texto literário canônico, mas “que se garanta espaço para a diversidade de textos e de leituras; que se garanta o espaço do outro.”

Dessa forma, adotar obras contemporâneas para o ensino de literatura não significa negar o valor cultural que há no cânone. É preciso lembrar que a literatura, seja ela canônica ou não, “não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos” (Todorov, 2009, p. 22). É a partir desses discursos que a literatura deve ser pensada em sala de aula, enquanto matéria que é constituída por sujeitos e que sempre



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

aponta para o contexto social e cultural no qual se vive.

### 3. Tecendo o Letramento Literário

A partir dessas discussões, apresentamos a seguir uma proposta didática. Considerando a importância do estudo dos clássicos da Literatura, mas também daquelas obras que estão fora do cânone, optamos por propor o estudo do romance **Iracema**, de José de Alencar e o conto **Çe'reçá-Purãga, a beleza do guaraná**, de Yaguarê Yamã. A leitura do romance de Alencar deve ser realizada previamente pelos alunos, o tempo estimado para a realização da proposta poderá ser de três encontros, que resultem em seis aulas.

Temos como objetivos para essa proposta didática discutir sobre como o herói fora construindo no romantismo e como é desmistificado no romance de Alencar e no conto de Yamã; motivar os alunos a uma reflexão acerca de como o fruto de Iracema e o fruto que brota de Çe'reçá podem ser interpretados a partir da leitura do texto bíblico do livro de Gênesis, que narra o episódio do fruto proibido, o qual simboliza o castigo, a expulsão do paraíso, o sofrimento, etc.; pensar em como as relações são estabelecidas entre as comunidades indígenas no convívio com suas tribos, com tribos diferentes e com o homem branco; e, por fim,

como a imagem feminina da índia é apresentada nas narrativas em estudo, sinalizando para o fato de que muitas fogem para concretizar suas relações amorosas e atentando para as consequências dessas fugas.

No primeiro encontro (duas aulas), será realizada a leitura dos capítulos trinta e trinta e um, do romance de Alencar, os quais falam sobre o nascimento do filho de Iracema e Martim, Moacir, do sofrimento da índia ao parir sozinha a criança, na beira do rio, pois seu marido havia partido para a guerra. Contudo, uma visita surpreende Iracema, a chegada do seu irmão Caubi para visitar o sobrinho que acabara de nascer. Caubi fica feliz ao ver o recém-nascido, mas comovido por sua irmã estar triste e sem a companhia do marido. O índio irrita-se ao saber que Martim não estava fazendo Iracema feliz e que a tinha deixado sozinha.

Tendo a oportunidade de voltar com o irmão para a Tribo dos Tabajaras, Iracema prefere ficar à espera de seu esposo, convencendo, assim, Caubi de voltar à Tribo sem ela. Após a partida de seu irmão, a índia pega o filho no colo para amamentá-lo, mas sente dores terríveis, escorre sangue de seus seios, porque eles não têm leite.

Percebe-se na leitura desses dois capítulos que a índia prefere permanecer com todo esse sofrimento, a espera de seu marido, ao invés de voltar ao aconchego paterno, no



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

qual estaria protegida por seu pai e seu irmão. Iracema não abre mão daquilo que decidiu para sua vida, ainda que essa escolha lhe causasse sofrimento ao ponto de levá-la à morte.

Não é muito diferente o que acontece com Çe'reçá-Purãga, no conto de Yamã, a índia apaixonada-se pelo índio Oderu-Obóri, que pertencia a uma tribo inimiga da sua. Mas, para fazer a vontade de seu pai, a moça casa-se com Anayê'reçá. Entretanto, ela não esqueceu sua antiga paixão, encontrava-se com Oderu na floresta até o dia em que decide fugir e seu plano é descoberto por seu marido.

Oderu é preso e levado a aldeia da qual Çe'reçá e Anayê faziam parte. Sabendo que seu amor seria morto por seu marido, ela atira-se na frente da faca, Oderu foge e a índia morre nos braços de Anayê. Antes de morrer, Çe'reça pede para ser enterrada na maloca onde vivera com seu esposo, Anayê atende ao seu pedido e pouco tempo depois nasceu dos olhos da índia uma planta, da brotou um fruto lindo e negro como a cor dos olhos de Çe'reçá-Purãga. Deram ao fruto o nome de guá'rãna, considerando que a desobediência da moça havia se transformado em dádiva e consideraram que esse fruto lhes daria força.

É interessante perceber que nos dois textos a morte é símbolo de punição, castigo pela desobediência, algo muito característico do Romantismo, mas que também

encontramos na Literatura Contemporânea. A mulher que transgredir, que não vai de acordo com as regras da civilização a qual pertence, acaba sendo "castigada pelo próprio destino". Outro ponto em que se assemelham as obras de Alencar e Yamã é o abandono. Tanto Iracema quanto Çe'reçá são abandonadas pelos seus amantes e, uma vez que ficam sem a proteção masculina, as mulheres terminam sucumbindo em sua fragilidade. Portanto, essas narrativas ainda tratam da mulher como o sexo frágil, que precisam da proteção e dos cuidados do homem para que possam sobreviver aos perigos.

Após a leitura dos dois capítulos de Iracema e do conto, o professor discutirá junto com os alunos as semelhanças e diferenças dos textos, atentando para aspectos estruturais do romance e do conto, mas, sobretudo, para a temática, buscando evidenciar que ambas sacrificam suas vidas e renunciam sua etnia para fugir com o homem que amam, atentando, no entanto, para o fato de que Iracema foge com um branco e Çe'reçá com um índio, porém de uma tribo inimiga da sua.

No segundo encontro (duas aulas), a turma será dividida em grupos, cada grupo ficará responsável por analisar uma temática dentro dos textos lidos. O professor realizará o sorteio com as seguintes temáticas: *Iracema* e *Çe'reçá-Purãga*: (des) construindo o herói;



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

O fruto proibido: intertextualidade com o texto bíblico de Gênesis; Relações de afeto e proteção na cultura indígena; A figura feminina indígena: entre o desejo e a realização. Essas temáticas devem ser estudadas a partir do romance e do conto, com auxílio do professor, os alunos deverão identificar cada um desses aspectos.

No terceiro encontro (duas aulas), o professor realizará um debate com a turma. Cada grupo irá expor aquilo que for discutido em equipe, defendendo sua temática e evidenciando tais aspectos nos textos lidos em sala. Não será cobrado dos alunos nenhum tipo de material escrito, pois o objetivo da aula é incentivar o gosto pela leitura, por fruição, e trabalhar a interpretação de texto, que é uma tarefa essencial para a formação leitora. A partir do debate, essa interpretação será socializada e ampliada com os demais colegas, como também será realizado o trabalho com a oralidade, propiciando ao aluno expor seu ponto de vista e defender seus posicionamentos acerca do texto, contribuindo assim para a formação de sujeitos letrados e críticos.

Compreendemos que as aulas de literatura não podem ser nem aula de história nem de teoria literária, mas devem ter como principal objetivo a formação de alunos leitores, para que eles possam sair da aula de literatura aptos a ler qualquer texto literário e

que essa leitura seja realizada de forma prazerosa.

### **Conclusão**

A partir das discussões elencadas neste trabalho, é válido afirmar que o ensino de Literatura deve estar comprometido com as práticas sociais, permitindo que o aluno conheça sua cultura, como também a cultura de diferentes sociedades. Isto considerado, o estudo da Literatura indianista, torna-se relevante por nos permitir refletir sobre a construção do Brasil sob a dominação dos brancos no período colonial e pós-colonial. Considerando que na Literatura indianista, o índio é o 'outro' do qual se fala, faz-se importante estudar os textos contemporâneos nos quais o índio é o sujeito enunciador. Se no primeiro vemos o índio com os olhos do branco, no segundo vemos o índio a partir dele mesmo.

Estudar a cultura de outros povos permite-nos melhor respeitá-los. Portanto, o estudo do texto literário se faz importante por nos permitir conhecer outros universos, permite-nos chegar a mundos diferentes dos nossos. Embora o texto literário tenha caráter ficcional, não se pode deixar de considerar sua importância para a formação de sujeitos críticos. Ensinar Literatura é formar leitor.

### **Referências**



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

ABREU, Márcia. **Cultura letrada:** literatura e leitura. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

ALENCAR, José de. **Iracema.** 36ª Ed. São Paulo: Ática, 2002.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

YAMÃ, Yaguarê. **Morâgetá Witá:** oitos contos mágicos. Curitiba: Positivo, 2014.

RIOS, Sanyheire Irineu de Araújo. Formação de leitores proficientes. In: PINHEIRO, Hélder (et al). **Literatura e formação de leitores.** Campina Grande: Bagagem, 2008, p. 93-104.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.